

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8172943>



A DIALÉTICA MATERIALISTA E A PESQUISA CIENTÍFICA

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Neste ensaio discute-se a dialética materialista como elemento central no desenvolvimento do conhecimento científico moderno. Procura-se demonstrar a relação entre os diferentes elementos da dialética e o método científico, tomando como exemplo as Ciências Humanas. Para tanto, são apresentados tanto os elementos teóricos expressos por autores marxistas como exemplos do desenvolvimento científico dos últimos séculos.

Palavras-chave: Ciências Humanas; Conhecimento Científico; Dialética Materialista.

Abstract

This essay discusses the materialist dialectic as a central element in the development of modern scientific knowledge. It seeks to demonstrate the relationship between the different elements of dialectics and the scientific method, taking Human Sciences as an example. To this end, both the theoretical elements expressed by Marxist authors and examples of scientific development in recent centuries are presented.

Keywords: Human Sciences; Materialist Dialectic; Scientific Knowledge.

Nas universidades é comum que a pesquisa científica seja marcada por simplificações e esquematismos. O mais comum é que os grupos de pesquisa se constituam em torno de temas ou metodologias que pouco variam, muitas vezes apresentando resultados parecidas, modificando somente aspectos superficiais. Essa reprodução de temas e métodos em teses e dissertações acaba sendo uma forma segura de garantir a sobrevivência dos pesquisadores e de seus grupos dentro de um ambiente marcado pela cobrança de produtividade, recursos escassos e pela acirrada concorrência entre departamentos e instituições de pesquisa. Nesse ambiente,

[...] a pressão produtivista gera o efeito perverso do agir instrumental e do abandono do essencial (o *processo* em si, gerador de conhecimento e enriquecedor da formação intelectual) pelo aparente, isto é, o resultado espelhado na pontuação. Em outras palavras, privilegia-se a quantidade sem importar com a qualidade (SILVA, 2005, p. 89).

Essa situação se mostra ainda mais difícil para aqueles que atuam nas Ciências Humanas e fazem uso do materialismo dialético, afinal nos meios acadêmicos predominam as metodologias embasadas em concepções idealistas e mecânicas. Exige-se muito mais da forma do que do conteúdo. Não é exagero afirmar “que uma apresentação tão sistemática como a que Marx teria escrito não satisfaria aos formalistas. Sua sede de fórmulas, de expressões absolutas e finais não pode ser satisfeita pela dialética” (NOVACK, 2006, p. 65). Cobra-se dos pesquisadores que encaixem seus problemas e seus objetivos em

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Servidor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). E-mail para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



um modelo metodológico cujas linhas gerais devem estar previamente definidas, cabendo ao pesquisador aproximar seu objeto a uma ideia estática que existe previamente, numa perspectiva caricatural de metafísica. Engels (2005, p. 59) apontava que, “para o metafísico, as coisas e suas imagens no pensamento, os conceitos, são objetos de investigação isolados, fixos, rígidos, focalizados um após o outro, de *per si*, como algo dado e perene”. Pode-se apontar também que o método metafísico “tropeça sempre, cedo ou tarde, com uma barreira, ultrapassada, a qual converte-se num método unilateral, limitado, abstrato, e se perde em insolúveis contradições, pois, absorvido pelos objetos concretos, não consegue perceber sua concatenação” (ENGELS, 2005, p. 60).

Essa concepção da realidade cumpriu seu papel em outro momento histórico, mas, diante do avanço das forças produtivas e das necessidades do pensamento científico desenvolvidas nos últimos séculos, mostra-se superada. Essa compreensão “apareceu na sociedade humana em uma etapa definida de sua evolução e em um ponto definido do domínio do homem sobre a natureza, evoluiu paralelamente ao crescimento da sociedade e suas forças produtivas e foi agora assimilada e suplantada pela mais evoluída lógica dialética” (NOVACK, 2006, p. 47). No atual contexto, esse tipo de metodologia não mostra outra coisa que não o empobrecimento da pesquisa científica diante da ofensiva capitalista sobre a produção do conhecimento, ao procurar adaptar o trabalho acadêmico à lógica de exploração capitalista. Mesmo com o desenvolvimento da sociedade capitalismo,

[...] o progresso da mente tem demonstrado ser muito mais lento que o dos meios de produção. O conservadorismo da mente demonstra-se na tentativa constante de aferrar-se às ideias antiquadas, às velhas certezas passadas de moda, e, em última instância, à velha esperança de uma vida depois da morte (WOODS; GRANT, 2007, p. 149).

Por meio de uma compreensão metafísica e idealista procura-se resultados que respondam aos questionamentos mais imediatos. Como consequência, tem-se uma ideia externa, pronta, fixa, que vai ser aproximada ou afastada do objeto da pesquisa, portanto, sem que seja feita uma análise efetiva do objeto e desconsiderando as determinações que constituem sua totalidade do fenômeno. Marx (2008, p. 258) lembrava que “o concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso”. Uma análise que considerada apenas aquilo que é mais aparente é incapaz de compreender o fenômeno estudado. Em contraposição a essa compreensão, a perspectiva dialética na pesquisa científica mostra como

[...] cada fase particular da realidade constrói suas próprias leis, seus sistemas de categorias peculiares, com as que compartilha de outras fases. Estas leis e categorias devem ser descobertas por uma investigação direta da totalidade concreta, não podem ser pensadas ou produzidas pela mente antes de ser analisadas na realidade material (NOVACK, 2006, p. 62).



Nessa perspectiva, um dos elementos centrais produção do conhecimento passa pelo uso da abstração, conhecida antes da sistematização do materialismo dialético por Marx e Engels. O desenvolvimento do método mostrou que

[...] a capacidade de fazer abstrações corretas, que reflitam adequadamente a realidade que queremos entender e descrever, é o pré-requisito essencial do pensamento científico. As abstrações da lógica formal são adequadas para expressar o mundo real somente dentro de limites bastante estreitos. Mas são abstrações unilaterais e estáticas, totalmente inadequadas no momento de se exprimir processos complexos, especialmente de movimento, mudança e contradições (WOODS; GRANT, 2007, p. 78).

Essa compreensão que permite olhar para os fenômenos para além do imediato e do empírico, abstraindo o objeto de tal forma a identificar os diversos elementos que o constituem. Cabe destacar que,

[...] quando contemplamos pela primeira vez o mundo que nos rodeia, vemos uma imensa e surpreendente série de fenômenos complexos; uma rede intrincada de mudanças aparentemente sem final, causa e efeito, ação e reação. A força motriz da investigação científica é o desejo de obter uma visão racional deste confuso labirinto, o desejo de entendê-lo para poder conquistá-lo. Buscamos leis que possam separar o geral do particular, o acidental do necessário, e que nos permitam compreender as forças que promovem os fenômenos que enfrentamos (WOODS; GRANT, 2007, p. 33).

A compreensão consciente da abstração na pesquisa da realidade tem relação com o desenvolvimento da dialética moderna. O processo de abstração foi um elemento central na compreensão dialética desenvolvida por Hegel. Segundo o filósofo alemão,

[...] a consciência nada sabe, nada concebe, que não esteja em sua experiência, pois o que está na experiência é só a substância espiritual, e, em verdade, como *objeto* de seu próprio Si. O espírito, porém, se torna objeto, pois é esse movimento de tornar-se um Outro – isto é, *objeto de seu Si* – e de supressumir esse ser-outro. Experiência é justamente o nome desse movimento em que o imediato, o não experimentado, ou seja, o abstrato – quer do ser sensível, quer do Simples apenas pensado – *se aliena e depois retorna a si dessa alienação*; e por isso – como é também propriedade da consciência – somente então é exposto em sua efetividade e verdade (HEGEL, 2014, p. 43).

Hegel aqui expressa o movimento que parte da percepção da realidade, caminha para o abstrato e retorna a um ser consciente do que está visualizando. Esse método de abstração pode ser encontrado em diferentes manifestações científicas modernas, como na Psicologia. Por exemplo, em determinado momento de sua exposição sobre o método científica empregado na interpretação dos sonhos, afirma Freud (2019, p. 666):



O inconsciente é o maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.*

Freud estava preocupado em tornar consciente aquilo que estava no inconsciente de seus pacientes. Posteriormente, na União Soviética, Vigotski também se utilizou da abstração no estudo acerca da mente humana, abertamente fazendo uso um referencial teórico marxista. Em determinado momento de sua obra, afirma:

[...] a psicologia nos ensina a cada instante que, embora dois tipos de atividades possam ter a mesma manifestação externa, a sua natureza pode diferir profundamente, seja quanto à sua origem ou à sua essência. Nesses casos são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. A tarefa da análise é revelar essas relações. Nesse sentido, a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além da pura descrição. O tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis (VIGOTSKI, 2007, p. 66).

Aqui também, procura-se uma ciência psicológica que busque ferramentas para trazer à superfície o que está escondido na mente dos pacientes. Como se percebe, em função da base dialética dessas compreensões, um elemento central do conhecimento científico que vem se estruturando nos últimos séculos passa pelo movimento e pela contradição. Engels (2005, p. 61) apontava que a dialética “focaliza as coisas e suas imagens conceituais substancialmente em suas conexões, em sua concatenação, em sua dinâmica, em seu processo de nascimento e caducidade”. Na pesquisa é a própria realidade que deve definir seus caminhos, a partir dos objetos que serão investigados, em sua dinâmica e contradições. Nesse sentido,

[...] é necessário adquirir uma compreensão concreta do objeto como um sistema integral, e não como fragmentos isolados; com todas as interconexões necessárias, e não fora de seu contexto, como uma borboleta cravada no painel de um colecionador; na sua vida e movimento, e não como algo estático e sem vida (WOODS; GRANT, 2007, p. 79).

Essa ideia de movimento também foi central na dialética moderna desenvolvida por Hegel. Segundo o filósofo alemão,

[...] o movimento é assim o duplo processo e vir-a-ser do todo; de modo que cada momento põe ao mesmo tempo o outro, e por isso cada qual tem em si, como dois aspectos, ambos os momentos; e eles, conjuntamente, constituem o todo, enquanto se dissolvem a si mesmos e se fazem momentos seus (HEGEL, 2014, p. 47).



Essa ideia de processos contraditórios em movimento permeia o desenvolvimento do conhecimento científico nos últimos séculos. Possivelmente um de seus mais importantes exemplos pode ser encontrado na obra de Charles Darwin. Em seu livro mais conhecido, afirma:

Pode-se dizer, metaforicamente, que a seleção natural procura, a cada instante e em todo o mundo, as variações mais sutis: repele as que são nocivas, conserva e acumula as que são úteis; trabalha em silêncio, insensivelmente, por toda parte e sempre, desde que se apresente a ocasião para melhorar os seres organizados relativamente às condições de vida orgânicas e inorgânicas. Estas transformações lentas e progressivas fogem à nossa percepção até que, com o decorrer dos tempos, as mãos dos mesmos as tenham marcado com seu sinete e então damos tão pouca conta dos longos períodos geológicos decorridos, que simplesmente nos contentamos em dizer que as formas viventes são hoje diferentes do que foram outrora (DARWIN, 2010, p. 87).

Essa perspectiva do movimento de mudanças também aparece na obra de outros pesquisadores, como quando afirma Vigotski (2007, p. 68):

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético. Numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de uma determinada coisa, em todas as suas fases e mudanças - do nascimento à morte - significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que "é somente em movimento que um corpo mostra o que é". Assim, o estudo histórico do comportamento não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sim sua verdadeira base.

O método científico pressupõe também que se considere a questão da totalidade, sendo necessário identificar seus vários determinantes e determinações. Segundo Marx (2008, p. 259), "o todo, tal como aparece no cérebro, como um todo mental, é um produto do cérebro pensante". Por isso o pesquisador não pode se limitar a uma mera descrição de um aspecto de um objeto estático. No método materialista dialético, como afirmado anteriormente,

[...] o processo inicial vai do concreto ao abstrato. Desmembra e analisa o objeto para obter um conhecimento detalhado de suas partes. Mas este procedimento encerra perigos. Não se podem entender corretamente as partes, quando isoladas de sua relação com o todo. É necessário voltar ao objeto como um sistema integral e entender a dinâmica subjacente que o condiciona como totalidade. Dessa maneira, o processo de conhecimento volta do abstrato ao concreto. Esta é a essência do método dialético, que combina análise e síntese, indução e dedução (WOODS; GRANT, 2007, p. 81).

O uso dessa compreensão marca a produção científica moderna. Um dos exemplos mais claros disso está na obra de Darwin. Para ele, o ser humano também "surge por diferenciação. Não somente individual, diferenciado de uma célula ovular até o organismo mais complicado que produz a Natureza,



mas também historicamente” (ENGELS, 1985, p. 24). Nesse sentido, Darwin, quando discutiu as determinações da seleção natural e o processo de evolução, afirmava:

[...] as mudanças de condições atuam de duas maneiras: diretamente, sobre toda a organização, ou sobre algumas partes unicamente do organismo; indiretamente, por meio do sistema reprodutor. Em todo caso, há dois fatores: a natureza do organismo que é a mais importante e a natureza das condições/ambiente a resultados definidos ou indefinidos (DARWIN, 2010, p. 130).

Outra expressão da ideia de totalidade na produção do conhecimento científico pode ser encontrada nos estudos sobre a mente humana, em particular na psicanálise desenvolvida por Freud. Em determinado momento, afirma que o sonho

[...] não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte do nosso acervo de representações esteja dormindo, enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis da vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa (FREUD, 2019, p. 155).

Essa é uma das expressões de pesquisa científica em que se utiliza a perspectiva da totalidade. O método idealista que ainda predomina no meio acadêmico centra suas preocupações naquilo que é perceptível pelos sentidos, sem recorrer ao processo de abstração e à análise do movimento e das contradições. Como consequência, observa-se pesquisas que comentam os fenômenos da realidade, sem efetivamente mostrar uma análise de seus processos. Certamente esse é um método que pode ser utilizado em algumas pesquisas, de caráter descrito e que buscam identificar discursos e representações, mas não naquelas que pretendem analisar a fundo a realidade. Com isso, ainda que de diferentes formas, pode-se afirmar que também uma perspectiva empirista predomina nos meios acadêmicos. Diante disso, deve-se ter em mente que “o empirismo tende a subordinar as relações essenciais ao sensorial ou às aparências subjetivas das coisas e a tomar, equivocadamente, seus aspectos superficiais e manifestações imediatas por seu conteúdo fundamental” (NOVACK, 2006, p. 104).

No processo de pesquisa, é preciso encontrar e utilizar instrumentos que permitam apreender os elementos da realidade. Precisa-se ter em mente que “todas as ideias derivam, de uma ou de outra maneira, do mundo físico e, em última instância, são aplicadas novamente a este” (WOODS; GRANT, 2007, p. 82). Caso não faça o exercício de abstrair a concretude para depois retornar a ela, a pesquisa tende a ser tornar mera especulação acerca de hipóteses fantasiosas, ou seja, nada mais do que uma manifestação de um idealismo metafísico, caminhando do abstrato ao abstrato. Portanto, a dialética não pode ser um instrumento idealista de reflexão, mas precisa estar ligado intrinsecamente à pesquisa



empírica, afinal, segundo Trotsky (2015, p. 226), “o trabalho científico se alimenta fundamentalmente da necessidade de conseguir o conhecimento da natureza”. Nesse sentido,

[...] a dialética não é uma chave mestra para todas as questões. Não substitui a análise científica concreta. Porém, dirige esta análise pelo caminho correto, colocando-a a salvo de extravios estéreis no deserto do subjetivismo e da escolástica (TROTSKY, 2011, p. 86).

Não é possível abandonar o estudo acerca dos fenômenos concretos, afinal é neles que se encontram as contradições e o movimento da realidade. Deve-se ter clareza de que

[...] a dialética não libera o pesquisador de um estudo descritivo dos fatos, pelo contrário: o requer. Mas em compensação fornece ao pensamento investigativo elasticidade, o ajuda a superar os preconceitos ossificados, arma-o com analogias valiosíssimas e o educa em um espírito de desafio, fundado na circunspeção (TROTSKY, 2015, p. 79).

No universo acadêmico é comum a exigência de que se escolha um ou mais instrumentos de pesquisa, normalmente a partir dos tipos de dados a serem utilizados na pesquisa. Os pesquisadores devem escolher a partir de uma lista de instrumentos, como entrevistas, questionários, análises estatísticas, grupos focais, entre outros, devendo verificar qual deles melhor se encaixa na pesquisa. Contudo, essa necessidade de escolha guarda um grave risco, que é o fato de eles mostrarem apenas alguns elementos limitados da realidade. Essa questão se torna ainda mais preocupante diante da piora nas condições de trabalho e das necessidades materiais imediatas, colocando em risco a pesquisa, ao não se utilizar o cotejamento entre os dados obtidos a partir de diversas fontes. Mesmo diante das adversidades, o pesquisador deve ter em mente que,

[...] para o materialista o mundo é mais rico, mais vivo e mais variado do que parece, porque cada passo do desenvolvimento da ciência descobre nele novos aspectos. Para o materialista, as nossas sensações são imagens da única e última realidade objetiva – última não no sentido de que ela é já conhecida até o fim, mas no sentido de que não existe nem pode existir outra senão ela (LÊNIN, 1982, p. 97).

Outro problema está no fato de que qualquer instrumento de pesquisa tem o limite de ser sempre ser uma representação construídas pelas pessoas que as expressam, portanto, expondo somente parte da realidade. Essa situação serve para qualquer instrumento, afinal, por exemplo, os relatos orais dependem das memórias oralizadas pelas pessoas, as fontes impressas expressam as perspectivas políticas e sociais de quem as edita e os dados estatísticos são o resultado de escolhas de metodologias utilizadas na verificação e análise dos dados brutos. Deve-se considerar, portanto, que



[...] são historicamente condicionais os *limites* da aproximação dos nossos conhecimentos em relação à verdade objetiva, absoluta, mas é *incondicional* a existência dessa verdade, é incondicional que nós nos aproximamos dela. São historicamente condicionais os contornos do quadro, mas é incondicional que este quadro reproduz um modelo que existe objetivamente. É historicamente condicional quando e em que condições avançamos no nosso conhecimento da essência das coisas (LÊNIN, 1982, p. 102).

Essa realidade deixa um problema para o materialismo histórico, afinal este pressupõe o uso de um ferramental que exige analisar e articular um conjunto de fenômenos contraditórios em movimento. Portanto, deve necessariamente buscar e analisar a maior quantidade possível de elementos e fontes que permitam ter uma visão o mais ampla possível do fenômeno investigado. Nesse sentido,

[...] deve-se raciocinar dialeticamente, isto é, não supor o nosso conhecimento acabado e imutável, mas analisar de que modo da *ignorância* nasce o conhecimento, de que modo o conhecimento incompleto, impreciso, se torna mais completo e mais preciso” (LÊNIN, 1982, p. 77-78).

Os diferentes elementos discutidos neste ensaio são relevantes não apenas para o referencial teórico marxismo, mas também para a produção do conhecimento de forma geral. Na pesquisa acerca da realidade, é incompreensível qualquer perspectiva teórica que não leve em conta a realidade e sua conceituação ou a imbricação da totalidade em movimento dos fenômenos.

O conhecimento científico moderno se construiu procurando investigar as várias determinações dos fenômenos, sem se prender à aparência, e a lógica intrínseca aos processos, olhando para as transformações dos mais variados objetos. Com isso, pesquisa-se tanto a natureza e a sociedade como seres microscópicos ou a fisiologia dos diversos vivos.

Cabe ao pesquisador se aproximar ao máximo possível da concretude do real, mostrando a realidade em movimento e sua contradição. Com isso, pode desvelar aquilo que é aparente e mostrar as contradições que permeiam a realidade.

REFERÊNCIAS

DARWIN, C. **A origem das espécies e a seleção natural**. São Paulo: Editora Hemus, 2010.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.



LÊNIN, V. I. **Materialismo e empiriocriticismo**. Lisboa: Editora Avante, 1982.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

NOVACK, G. **Introdução à lógica marxista**. São Paulo: Editora Sundermann, 2006.

SILVA, A. O. “A corrida pelo Lattes”. *In*: RAMPINELLI, W. J.; ALVIM, V.; RODRIGUES, G. (orgs.). **Universidade: a democracia ameaçada**. São Paulo: Editora Xamã, 2005.

TROTSKY, L. **Em defesa do marxismo**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

TROTSKY, L. **Escritos filosóficos**. São Paulo: Editora Iskra, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

WOODS, A.; GRANT, T. **Razão e revolução: filosofia marxista e ciência moderna**. São Paulo: Editora Luta de Classes, 2007.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima